

O estudo da etnicidade no ritual dos “Encomendadores de Almas” no município de Oriximiná¹

Autora: Mariana Pettersen Soares

Doutoranda em Antropologia - PPGA

Universidade Federal Fluminense – UFF – Niterói/RJ

Resumo

Esse trabalho consiste em desenvolver um estudo sobre a temática da etnicidade, em relação aos grupos identitários existentes na região de Oriximiná, noroeste do Pará, que participam do ritual da “Encomendação das Almas”. Busca-se analisar a construção das diferenças culturais existentes no ritual, através dos dados obtidos nas pesquisas de campo no contexto regional referido acima.

Para isso, recorreu-se a alguns subsídios teóricos. Em relação ao estudo da etnicidade através do ritual da “Encomendação das Almas”, os autores Barth, O’Dwyer, Eriksen, entre outros, foram citados.

Em Oriximiná existem comunidades remanescentes de quilombos e comunidades de “ribeirinhos”. Segundo O’Dwyer (2005), os “colonos ribeirinhos” e os “negros” (remanescentes de quilombos) na zona urbana do município de Oriximiná, são “unidades em contraste” que “se consideram diferentes em termos de subsistência e das interações que promovem no núcleo urbano” (ibid.: 100). Há diferentes grupos de “encomendadores” em Oriximiná. A quais grupos identitários pertencem os atores sociais desse ritual? Diante disso, busco perceber de que forma ocorre a interação social entre grupos que se consideram distintos, ou seja, entre essas duas “unidades em contraste” - “colonos ribeirinhos” e “negros” - citadas por O’Dwyer, dentro do ritual da “Encomendação das Almas”, já que se trata de uma prática cultural religiosa praticada pelos oriximinaenses na zona urbana e rural do município.

¹ Trabalho apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

Palavras – chave: “encomendadores de almas”, grupos identitários, etnicidade.

O trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo sobre a temática da etnicidade, em relação aos grupos identitários existentes na região de Oriximiná (Pará, Brasil) que participam do ritual da “Encomendação das Almas”. Junto a isso, foi realizada uma pesquisa, dentro de uma abordagem simbólica e sociológica, das categorias “morte” e “alma”, nas práticas e representações dessa prática cultural religiosa.

O estudo foi desenvolvido no município de Oriximiná, situado no noroeste do Pará, região norte do Brasil. Oriximiná possui uma população de aproximadamente sessenta mil habitantes e localiza-se na zona do médio Amazonas, na margem esquerda do rio Trombetas, abrangendo uma área de 107.603 km². O ritual dos “Encomendadores de Almas” ocorre tanto na zona urbana como na zona rural desse município.

O ritual da “Encomendação das Almas” acontece na época da Semana Santa. As pessoas que rezam são chamadas “encomendadores”. O ritual ocorre tanto na zona urbana como na zona rural de Oriximiná. Os grupos, compostos de quatro a até doze integrantes, reúnem-se na noite de quarta-feira e vão até o cemitério para fazerem o “levantamento das almas”. Todo grupo possui um líder, que é denominado “padre”. O “padre” coordena e organiza o grupo e os outros integrantes lhe devem respeito e obediência.

Quando os “encomendadores” chegam ao cemitério, eles tocam um pequeno sino, chamado por eles de ‘campa’, que é levado por cada grupo. Esse sino marca uma dimensão sonora no ritual, na medida em que marca o início e o fim de cada reza no cemitério e nas casas. Quando os “encomendadores” estão no cemitério, estes usam o termo “rezar”, já que são eles próprios que rezam. Já nas casas dos moradores, quando os grupos se dirigem a elas, eles utilizam o termo “pedir”, para os moradores rezarem pelas almas.

Depois de fazerem o “levantamento das almas” no cemitério, eles vão até as casas dos moradores que os solicitam antes ou quando encontram uma vela acesa em frente de alguma moradia. A vela está presente em todo o ritual. Os grupos cantam as ladainhas e rezam, mas antes disso, acendem as velas que lavam em uma sacola plástica. Há um integrante do grupo que cuida dessa tarefa, a de levar as velas durante o percurso nos dias do ritual. Chegando numa determinada casa, o “padre” do grupo toca o sino e começa a

cantoria. São ao todo sete “pai-nossos” e sete “ave-marias” para os sete tipos de almas que eles rezam, podendo a ordem de cada tipo de alma ser diferente para cada grupo. São elas:

- Nosso Senhor Jesus Cristo;
- pais falecidos;
- santas benditas;
- que possuem pecado mortal;
- que morreram na água;
- que estão no purgatório;
- necessitadas.

Já há outros grupos que não colocam nessa classificação dos sete tipos de almas, as que possuem pecado mortal e sim as que morreram no centro do mato.

Segundo Eriksen, a classificação de plantas e animais é construída socialmente. Dá o exemplo dos europeus que classificam o *cassowary* (uma ave grande da Nova Guiné que não voa) como um pássaro; já os *Karam* da Nova Guiné não classificam essa ave como um pássaro, pois pássaros voam e essa ave não. Para Eriksen, “classification is a kind of native theory whereby the infinite complexity of the experienced world is reduced to a finite number of categories” (1993: 60). Eriksen explica que

“the kinds of classification developed in any society are necessarily related to that society’s organisation and way of life. (...) Ethnic classifications are also social and cultural products related to the requirements of the classifiers. They serve to order the social world and to create standardised cognitive maps over categories of relevant others.” (1993: 60).

Nesse caso, fazendo uma comparação à classificação dos sete tipos de almas, - tendo em vista que a categoria “alma” é de natureza diferente das categorias “plantas” e “animais” citadas por Eriksen - os “encomendadores” classificam as almas em relação a seus próprios valores e interesses, ou seja, a classificação dos tipos de almas feita pelos “encomendadores” assim como a ordem em definir qual é a mais difícil de ter salvação é realizada em vista dos valores de cada grupo, ou seja, é construída socialmente. Antônio Roque, por exemplo, é um “encomendador” e é remanescente de quilombo. Diz que as almas vêm do mesmo jeito que elas foram para debaixo da terra e que a alma que morre no fogo do purgatório é a pior de todas; depois dela viria a alma que tem pecado mortal. As

outras, segundo ele, não seriam tão ruins. O “encomendador” Maurício, que é o “padre” de um dos três grupos do Lago Iripixi, descreve que “a alma mais penada é a que morre afogada, levando sete anos dentro do mar para se salvar”. Já o rezador Domingos coloca que “a pior é a mais necessitada e que quando a gente morre, a gente vai para o destino certo já” (entrevista, abril de 2010). Domingos se define como “ribeirinho” e diz se definir assim “porque mora no Baixo Trombetas” e que “os negros estão no Alto Trombetas”. Já o Euclides, líder de outro grupo, relata que a alma santa bendita “é que ficou doente por muito tempo e pagou seus pecados” e, a alma necessitada “é a que mata e não teve arrependimento nenhum” (Entrevista, Janeiro de 2006).

Alguns grupos ficam em silêncio por alguns minutos (após pedirem o “pai-nosso” e a “ave-maria”) para que os moradores possam rezar nas suas casas. No entanto, nem todos os grupos dão esse intervalo. Enquanto alguns grupos dizem escutar a voz dos moradores de dentro de suas casas rezando, já outros dizem que alguns moradores rezam num tom baixo. O “encomendador” Antônio Roque relata que quando eles rezam nas casas dos moradores, estes podem ver as almas: “se espiasse, os moradores, de dentro das casas, via as almas atrás dos “encomendadores” (entrevista, Janeiro de 2006). Já o outro rezador Domingos acredita que “na época da Semana Santa elas (as almas) estão soltas e o cão sempre apanha. Só pode ser elas (as almas). Tem cão que cai n’água” (entrevista, abril de 2010).

Segundo a tradição local, só é “encomendador de almas” quem faz promessa. É um compromisso que o indivíduo tem de assumir por no mínimo sete anos. Do contrário, segundo alguns “encomendadores” e outros informantes - moradores oriximinaenses - o indivíduo é perseguido pelas almas na época da Semana Santa. Pedro Pereira, explica que reza desde os 18 anos e que “iniciando num ano, não tem que falhar nenhum ano, se não, elas perseguem. Depois que eu completei os sete anos, eu durmo tranquilo” (Entrevista, Janeiro de 2006). Esse “encomendador”, provavelmente, fez referência a rezar todos os anos até completar os sete anos, pois ele estava há alguns anos sem participar do ritual e dizia estar doente. Já o “encomendador” José Moraes é o “padre” de um grupo e cita que “os antigos diziam que podia rezar por sete anos e se passasse disso, teria que rezar até quando a pessoa quisesse. O importante era rezar por sete anos” (Entrevista, Dezembro de 2005).

Uma questão de grande importância refere-se aos aspectos ligados ao sistema religioso que está intimamente associado ao ritual. No caso do Brasil, percebe-se que na Amazônia há uma grande influência indígena, africana e da colonização portuguesa. Nesse último caso, verifica-se a existência de crenças pré-cristãs (Geraldes, 2004). Amselle (2001) diz que o cerne de uma cultura se exprime pelas outras:

Se définir dans le langage intellectuel de l'adversaire ne signifie pas pour autant que l'on se soumet irrémédiablement à lui (...), exprime néanmoins une vérité originale, comme en témoigne, entre autres exemples, le recours à l'écrit pour démontrer la suprématie de l'oralité. (2001: 9)

Segundo esse autor, uma cultura pode ter significados autônomos, mesmo com influência de outras culturas. No caso do ritual da “Encomendação das Almas”, notam-se aspectos de diferentes culturas – negra, indígena, portuguesa, amazônica – e essa confluência, essa mistura, esse “branchement” (Amselle) é que caracteriza o ritual estudado.

O'Dwyer (2005) aborda a questão da produção de identidades étnicas e o uso do termo “remanescente de quilombo” pelos grupos que lutam pelo reconhecimento territorial no município de Oriximiná. Em Oriximiná existem comunidades remanescentes de quilombos e comunidades de “ribeirinhos”. Para essa autora, “a partir de Barth (1969), as diferenças culturais adquirem um elemento étnico não como modo de vida exclusivo (...) de um grupo, mas quando as diferenças culturais são percebidas como importantes (...) para os próprios atores sociais” (ibid.: 95). Nesse ponto, Eriksen (1991) afirma que “... as diferenças étnicas implicam diferenças culturais (...), na natureza das relações sociais” (ibid.: 5). Também coloca que “qualquer análise detalhada da etnicidade, portanto, deve considerar o significado da variação cultural da etnicidade...” (ibid.: 4). De acordo com esse autor, a etnicidade é processual, onde as diferenças culturais são comunicadas, permitindo que a analisemos comparativamente.

Um ponto central para Barth é sobre os grupos étnicos no sentido organizacional. Nesse ponto, coloca que os atores formam grupos étnicos quando usam identidades étnicas para se categorizar a si mesmos e aos outros, tendo em vista a interação. Diz que “as características a serem efetivamente levadas em conta não correspondem ao somatório das diferenças “objetivas”; são apenas aquelas que os próprios atores consideram significativas” (2000: 32). Nessa mesma linha, Weber (1994) já tinha a preocupação em

estudar as interações significativas dos indivíduos na busca da compreensão da conduta social, sendo esta a que o agente atribui significado subjetivo.

Para Barth, o conteúdo cultural das diferenças étnicas pertence a duas naturezas diferentes: Uma delas são os sinais explícitos que as pessoas mostram para demarcar sua identidade e a outra, são os padrões de moralidade pelos quais as condutas são analisadas. Nesse contexto, alguns grupos de “encomendadores” de Oriximiná moram na cidade e utilizam vestimentas similares nos dias do ritual. Então, uma forma de perceber as diferenças de dentro do ritual pelos seus integrantes é perceber quais são os valores morais e sociais desses indivíduos e como são manifestados.

No entanto, uma forma de manifestar esses signos e sinais de que Barth discute acima são as vestimentas entre grupos da zona urbana e rural que são diferentes, grupos esses constituídos de “ribeirinhos” e “remanescentes de quilombo” de diferentes comunidades. Na zona urbana, a vestimenta costuma ser branca. Já na zona rural, não há um padrão na escolha da cor, mas os “encomendadores” costumam usar um pano ou toalha de cor clara sobre a cabeça. No entanto, como se dá a diferença dentro dos grupos da zona urbana, já que existem “ribeirinhos” e “remanescentes de quilombo” constituindo os grupos?

Essa análise sobre o comportamento dos “encomendadores” pode ser observada pela postura, pelo uso ou não de bebida alcoólica, pela crença mais forte em alguns indivíduos e grupos sobre seres sobrenaturais (como as “almas” e encantados) e, se essas crenças implicam em alguma religião específica, entre outros aspectos.

Sobre a questão da produção da etnicidade, Mitchell (1956) afirma que “o jogo de relações entre um grupo de membros de uma tribo na área rural é algo muito diferente do jogo de relações entre o mesmo grupo quando eles são deslocados para uma área urbana” (ibid.: 44). Com base nessa explicação, também busco analisar o jogo de relações existentes entre os atores sociais do ritual dos “Encomendadores de Almas” na região estudada. O autor coloca que: “A dança é claramente uma dança tribal em que as diferenças são enfatizadas, mas a linguagem e o idioma das músicas e do vestuário dos dançarinos são característicos de uma existência urbana, que tende a submergir diferenças tribais” (ibid.: 9). O objetivo da dança é, entre outros, expressar a união de uma determinada tribo (Bisa) contra as outras tribos, onde os membros de uma tribo ignoram as diferenças internas com o intuito de se mostrarem unidos como um grupo, afirmando nesse ponto, o tribalismo na

área urbana. Assim, busco perceber quais diferenças são comunicadas pelo ritual em estudo, tendo em vista a presença de diferentes grupos na zona urbana e rural de Oriximiná.

O grupo do Floriano, por exemplo, que era antes do Antonio Roque, é constituído por quatro integrantes que se consideram remanescentes de quilombo. Dois deles, Floriano e Eliandro, nasceram na Comunidade do Acapú, que é uma comunidade remanescente de quilombo. Já o Domingos, que mora na comunidade do Itapecuru, se considera “ribeirinho” “porque é do Baixo Trombetas” e que “os negros estão no Alto Trombetas” (entrevista, abril de 2010). No entanto, essa comunidade, apesar de não ser uma comunidade remanescente de quilombo, é constituída por negros e muitos moradores dessa comunidade possuem parentes de comunidade remanescentes de quilombo do município de Oriximiná.

Barth (2000) argumenta que os grupos étnicos são definidos pelos seus membros, de dentro. Para ele, para ser eficaz socialmente, os membros étnicos devem ser conhecidos pelos seus próprios agentes. Nesse ponto, Eriksen (1993) possui outro ponto de vista aonde diz que a visão de Barth, como um sistema de auto-atribuição mutuamente exclusiva, deve ser modificada. Para Eriksen (1993), as atribuições empreendidas por outros também podem contribuir para a criação da etnicidade. A etnicidade, para Eriksen, é uma criação social e não um fato da natureza, e a variação étnica não corresponde a variação cultural. A identidade étnica deve ser convincente aos seus membros para funcionar. Já Epstein (1978) explica que a identidade étnica possui várias expressões, que se situam nos seus extremos por um pólo positivo e um negativo. Segundo esse autor, a identidade étnica positiva, baseada na importância do próprio grupo, se expressa pela etnicidade. Já a identidade étnica negativa acontece quando a imagem do indivíduo é baseada na internalização da avaliação dos outros, onde grupos étnicos ocupam uma posição de inferioridade na hierarquia social.

Sendo assim, uma questão crucial é saber como os integrantes dos grupos de “encomendadores” se definem, a qual grupo étnico eles pertencem. Segundo Barth (2000), eles vão se definir em relação a outros grupos. Mas entra uma questão importante: Eriksen (1993), coloca que há contextos aonde pode ser difícil atribuir uma definitiva identidade étnica para um indivíduo. Diz que as pessoas que estão “betwixt and between” (Victor Turner, 1967), segundo Eriksen, podem bagunçar qualquer sistema organizado de contrastes numa classificação étnica. A população em Oriximiná é etnicamente formada por remanesência indígena (kondoris, wai-wai, etc.), africana (remanescentes de quilombos) e

européia (portugueses e italianos). Nesse caso, se tratando de um lugar que possui trinta e uma comunidades remanescentes de quilombos, sete aldeias indígenas e várias comunidades ribeirinhas, como se dará a definição de grupo étnico em relação aos integrantes dos grupos de “encomendadores”, da zona urbana e rural desse município? E como fica, por exemplo, os integrantes que hoje vivem na zona urbana, mas vieram de comunidades quilombolas e ribeirinhas? Segundo O’Dwyer (2005), os “colonos ribeirinhos” e os “negros” (remanescentes de quilombos) na zona urbana do município de Oriximiná, são “unidades em contraste” que “se consideram diferentes em termos de subsistência e das interações que promovem no núcleo urbano” (ibid.: 100). Acredito que buscar saber como os integrantes dos grupos de “encomendadores” são definidos é, seguindo a visão de Barth, perguntar como eles se definem; a chamada auto-atribuição.

O principal critério que marca a concepção de etnicidade é a identidade étnica. As identidades étnicas se transformam, se atualizam. Nesse ponto, Ulf Hannerz (1997) coloca que a noção de fluxo pode não ter sido estudada de uma forma muito sistemática na Antropologia Social do passado. Diz que “A maneira como hoje falamos sobre a cultura em fluxo, sobre as regiões onde as culturas se encontram e dos agentes e produtos da mistura cultural é, em certos aspectos, diferente até da antropologia de dez anos atrás” (ibid.: 9).

Eriksen (1993) concorda com Hannerz, colocando que aspectos do indivíduo que eram considerados fixos, podem agora ser visto como flexível, estudando-os como aspectos simbólicos de processos sociais. Nesse contexto, O’Dwyer (2005) discute sobre a existência de processos de fluxos culturais entre os “remanescentes de quilombos” do município de Oriximiná e outros grupos de comunidades amazônicas, observando que diversidades religiosas dos “remanescentes de quilombo” não são exclusivas desse grupo. Assim, o ritual da “Encomendação das Almas” é um exemplo de processo de fluxo cultural, pois está presente na vida de “ribeirinhos” e “remanescentes de quilombos” de Oriximiná.

Barth (2005) discute a relação entre etnicidade e cultura, afirmando que as propriedades do social são diferentes do cultural e que “boa parte da confusão (...) a respeito dos grupos étnicos surge dessa tensão entre a natureza dos grupos sociais e a natureza dos materiais culturais sobre os quais se baseia a definição de grupos étnicos como unidades sociais” (ibid.: 17). Eriksen (1991) concorda com Barth ao criticar concepções que interpretam a cultura como uma entidade fixa: “Desde que a cultura não é uma

propriedade fixa de pessoas ou grupos, as diferenças não podem ser identificadas como “traços culturais” dos agentes também” (ibid.: 5). Barth (2000), diz que “(...) as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre etnias” (ibid.: 26). Nesse sentido, quais seriam as diferenças culturais entre os integrantes de um mesmo grupo e entre grupos de “encomendadores” na zona urbana e rural, já que os grupos são constituídos de “remanescentes de quilombo” e “ribeirinhos”? O “encomendador” Domingos afirma não possuir relações sexuais nos dias em que participa do ritual. Já o Izaurino, “encomendador” de outro grupo, explica que também não têm relações sexuais nesses dias porque os antigos diziam que se tivesse, os órgãos genitais do homem e da mulher ficariam presos um no outro. Enquanto um grupo acredita fortemente na comunicação com as almas, outro grupo pode não acreditar. Quais os contextos culturais de cada grupo? Quais os valores e interesses de cada grupo?

Concordando com Barth (2000), percebo diferenciações existentes no ritual da “Encomendação das Almas”, através dos protagonistas desse ritual, entendendo que seus ‘saberes’ dependem do contexto local em que estão imersos e por isso, podem possuir significados diferentes numa mesma sociedade. Alguns elementos são explicados de diferentes formas. Os “encomendadores” costumam usar um pano sobre a cabeça, ao qual atribuem diversos significados: para não verem as almas que os acompanham; para protegerem-se do sereno; para se concentrarem nas rezas ou ainda, para fazerem um gesto igual ao de Maria, mãe de Jesus, que usava um manto sobre a cabeça. São diversos significados para um mesmo símbolo. Barth enfatiza que na análise antropológica, faz-se necessária à aceitação da diversidade cultural, aproveitando-a como dado positivo científico na pesquisa. Barth critica o modelo pré-concebido, afirmando que as categorias êmicas são a base dos conceitos sociológicos.

Há diferentes grupos de “encomendadores” em Oriximiná. A quais grupos identitários pertencem os atores sociais desse ritual? Diante disso, busco perceber² de que forma ocorre a interação social entre grupos que se consideram distintos, ou seja, entre essas duas “unidades em contraste” – “colonos ribeirinhos” e “negros” – citadas por O’Dwyer (2005),

² Também tentarei traçar uma análise semelhante sobre a temática da etnicidade no município de Guarda (Portugal), assim como as diferenças culturais existentes no ritual da “Encomendação das Almas”, por meio do estudo etnográfico dessa prática, na região mencionada.

dentro do ritual da “Encomendação das Almas”, já que se trata de uma prática cultural religiosa praticada pelos oriximinaenses na zona urbana e rural do município.

Diante disso, busco perceber de que forma ocorre a interação social entre grupos diferentes, os ribeirinhos e os remanescentes de quilombos. Como exemplo, há um grupo de “encomendadores”, cujo líder é o Floriano, que a maior parte dos integrantes nasceu na comunidade do Acapú, que é uma comunidade remanescente de quilombo. Todos os integrantes se consideram remanescentes de quilombo e hoje vivem na zona urbana de Oriximiná. Já o grupo do Germano, também hoje um grupo da zona urbana, era da comunidade do Itapecuru. A comunidade do Itapecuru é uma comunidade em que alguns moradores se definem como ribeirinhos, como o “encomendador” José Garcia, que diz ser ribeirinho porque “aonde a água abrange é “ribeirinho””; já outros se consideram “remanescentes de quilombo”, como é o caso do “encomendador” Dídimo dos Santos. Nesse ponto, Barth (2005) explica que a cultura está sempre em transformação, no entanto, “o pertencimento ao grupo étnico é construído sem referência à diversidade real da cultura (...), mas por meio de um mito exagerado de contraste e compartilhamento respectivamente” (ibid.: 24).

Também nesse contexto colocado no parágrafo acima, Eriksen (1993) chama a atenção para o fato de que as identidades étnicas são ambíguas e que esta ambigüidade é relacionada a uma história negociável e a um conteúdo cultural negociável. A identidade étnica torna-se importante no momento em que é percebida como ameaçada. Eriksen diz que “Anthropologists would stress that history is not a product of the past but a response to requirements of the present. For that reason, this discussion of history relates not to the past but to the present” (ibid.: 72).

Segundo Eriksen, a antropologia social via com ceticismo o estudo do aspecto identitário da etnicidade. Segundo esse autor, é preciso entender de que forma os indivíduos classificam seus arredores sociais e de que forma o passado é usado para fazer sentido ao presente, já que “(...) interpretations of history are therefore important to ideologies seeking to justify, strengthen and maintain particular ethnic identities” (ibid.: 59). De acordo com a visão de Eriksen, percebe-se que muitos grupos étnicos redefinem sua cultura ancestral de acordo com interesses políticos e a história usada como instrumento na criação da identidade.

Por fim, o estudo da etnicidade no ritual dos “Encomendadores de Almas” em Oriximiná nos mostra que essa prática cultural não é exclusiva de nenhum grupo étnico específico desse município e que, através desse ritual, observamos a existência de processos de fluxos culturais entre diferentes grupos étnicos ali presentes.

Bibliografia:

- AMSELLE, Jean – Loup. *Branchements. Anthropologie de l’université des cultures*. Paris: Flammarion. 2001.
- BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- _____. Etnicidade e o conceito de cultura. *Antropolítica*. Niterói, n.19, 2005.
- ERIKSEN, Thomas H. The cultural contexts of ethnic differences. *Man*, Londres, v.26, n.1, 1991.
- _____. *Ethnicity and Nationalism – Anthropological Perspectives*. London/Chicago: Pluto Press, 1993.
- EPSTEIN, A.L. *Ethos and Identity: Three Studies in Ethnicity*. London: Tavistock, 1978.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 3. Rio de Janeiro: Relume Dumará; PPGAS – Museu Nacional/UFRJ, 1997.
- MITCHELL, J. The kalela Dance: aspects of social relations among urban africans. In: Rodhesia, N. *The Rhodes-Livingstone Papers*, n.27, Manchester: Manchester University Press, 1956.
- O’DWYER, Eliane Cantarino. Os quilombos e as fronteiras da antropologia. In: PINTO, Paulo e O’DWYER, Eliane Cantarino. *Fronteiras e Passagens: Fluxos Culturais e a Construção da Etnicidade. Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. – n.1 (2.sem.95) – Niterói: EdUFF, 1995. *Antropolítica*. Niterói, n.19, 2005.

- SOARES, Mariana Pettersen. *A poética da morte no ritual dos “Encomendadores de Almas”*. Tese de mestrado em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense, 2007.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol.1. Brasília: Editora UnB, 1994.